

MAX WEBER E A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

CARLOS EDUARDO SELL¹

Resumo

Este artigo destaca a contribuição do sociólogo Max Weber para os estudos educacionais, destacando sua tipologia das formas de educação (educação carismática, especializada e humanística) e sua visão da evolução histórica das formas de educação, caracterizada como um progressivo processo de racionalização, na qual a educação assume cada vez mais um aspecto técnico.

Abstract

This article highlights the contribution of the sociologist Max Weber to the educational studies, presenting its typology of education forms (charismatic, specialized and humanistic education) and his view of the historic evolution of the education forms, characterized as a progressive process of rationalization, in which the education assumes always more a technical aspect.

Palavras-chave:

Max Weber, sociologia da educação, tipologia das formas de educação, racionalização social.

Key-words:

Max Weber, sociology of education, typology of the education forms, social rationalization.

¹ Mestre em sociologia política. Doutorando em sociologia política (UFSC).

Professor do curso de pedagogia da FEBE (Fundação Educacional de Brusque) e do mestrado profissionalizante de gestão em políticas públicas da Univali. E-mail: carlos@febe.edu.br

Ao contrário do que ocorre na teoria social, Max Weber (1864-1920) é um autor pouco conhecido nos estudos sobre educação. Situação curiosa, tendo em vista que ao lado de Émile Durkheim (1858-1917) e Karl Marx (1818-1883) este pensador é considerado um dos pais fundadores da sociologia². Mas, enquanto os dois pensadores acima mencionados influenciaram consideravelmente a sociologia da educação, legando-nos as já conhecidas abordagens funcionalista e marxista da educação, existem raras tentativas de construção de uma abordagem weberiana sobre os fenômenos educacionais³.

Partindo desta constatação, o objetivo deste breve ensaio é destacar algumas categorias da obra weberiana que poderiam enriquecer o repertório da sociologia da educação na sua tentativa de explicar o fenômeno educativo como comportamento social. O artigo divide-se em três partes. Primeiramente, apresentam-se os principais elementos teóricos e metodológicos da sociologia weberiana. Na segunda parte, utilizamo-nos da teoria weberiana dos tipos ideais para apresentar a tipologia das formas de educação exposta pelo autor no texto “A religião da China”. Na terceira parte, por sua vez, utilizamo-nos da teoria weberiana da racionalização social para desenhar um quadro de evolução histórica da educação no Ocidente. Em nossas considerações finais destacamos em que medida um *aproche* weberiano da educação ajuda a superar alguns limites das abordagens tradicionais sobre o assunto.

Sociologia weberiana

Neste tópico apresentamos ao leitor não familiarizado com a teoria sociológica alguns elementos para entender – em seus traços globais – a sociologia de Max Weber. Por outro lado este tópico também nos permitirá desenvolver os pontos seguintes, nos quais retomaremos alguns dos conceitos que serão expostos a seguir para pensar os fenômenos educacionais.

Do ponto de vista metodológico Weber deixou sua marca na sociologia por romper com os pressupostos teóricos do positivismo e do funcionalismo, inaugurando uma nova forma de abordar a realidade social. Em primeiro lugar, Weber salienta que as ciências sociais distinguem-se das ciências da natureza pelo seu caráter interpretativo ou hermenêutico⁴. Em segundo lugar, o ponto de partida da análise sociológica, segundo este autor, reside no indivíduo, e não nas estruturas sociais. Weber inaugura, assim, o chamado “individualismo metodológico” que parte da premissa de que as estruturas sociais são explicadas a partir do sentido conferido pelos indivíduos ao seu comportamento. Por isso, a sociologia parte da análise da “ação social” que Weber divide em 4 tipos principais: ação racional com relação a fins, ação racional com relação a valores, ação afetiva e ação tradicional⁵.

² Para uma abordagem introdutória a respeito dos clássicos da sociologia, vide o texto de Sell (2002).

³ Uma notável exceção são as referências desenvolvidas por Rodrigues (2000).

⁴ Uma apresentação bastante cuidadosa dos aspectos metodológicos da obra de Weber pode ser encontrada em Saint-Pierre (1994). Os textos de Weber que tratam do assunto estão reunidos na obra “Metodologia das Ciências Sociais (1992 e 1995).

⁵ A tipologia das formas de ação é apresentada por Weber em sua obra *Economia e Sociedade* (1994, p. 15-16).

Todavia, não é somente pelas suas análises teóricas que Weber é conhecido na sociologia. Neste autor encontramos uma das mais primorosas análises do nascimento e do desenvolvimento da sociedade moderna. Tomando como fio condutor o estudo das religiões, este teórico de Heidelberg vai afirmar que a marca específica da civilização ocidental é a RACIONALIZAÇÃO⁶, como ele mesmo deixa claro em sua “Introdução à ética econômica das religiões mundiais” que abre o volume um de seus “Ensaio de Sociologia da Religião”:

“Racionalizações tem existido em todas as culturas, nos mais diversos setores e dos tipos mais diferentes. Para caracterizar sua diferença do ponto de vista da história da cultura, deve-se primeiro ver em que esfera e direção elas ocorrem. Por isso, surge novamente o problema de reconhecer a peculiaridade específica do racionalismo ocidental e, dentro deste moderno racionalismo ocidental, o de esclarecer a sua origem.” (1996, p. 11).

Os estudos de sociologia da religião de Max Weber podem ser divididos em dois momentos. Na primeira fase de sua obra Weber analisa a realidade ocidental e busca verificar em que medida a ética de vida do protestantismo ascético teria sido uma das principais causas da origem do moderno capitalismo ocidental⁷. Na segunda fase, seus estudos se deslocam do Ocidente para o Oriente, para analisar a ligação entre economia e religião na China (confucionismo e taoísmo) e na Índia (hinduísmo e budismo), sem esquecer ainda do judaísmo e até do islamismo.

⁶ Para uma abordagem introdutória ao assunto, conferir o excelente texto de Jessé de Souza (2000, p. 19-42).

⁷ Pertencem a esta fase as seguintes obras de Weber: “As seitas protestantes e o espírito do capitalismo”(1904) e o seu texto mais famoso “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (1905).

⁸ Para uma discussão crítica sobre o conceito de secularização, ver o texto de Pierucci (1998).

⁹ Embora, sob certo aspecto, Weber seja um crítico do racionalismo ocidental, isto não enquadraria o autor dentro das teorias pós-modernas. Maiores esclarecimentos, vide a obra de Souza (1997, p. 59-74).

Portanto, é estudando de forma comparativa as grandes religiões mundiais que este pensador busca entender os processos de evolução ou transformação social. De acordo com esta abordagem, o processo de transformação social caracteriza-se por um longo processo mediante o qual as forças da razão (a ciência e a técnica) vão substituindo as forças da religião. Deste modo, a sociologia da racionalização de Weber desemboca em uma teoria da secularização, ou, para utilizar uma expressão célebre na obra do autor, em uma teoria do “desencantamento do mundo”⁸.

Todavia, longe de aderir aos ideais iluministas e positivistas de exaltação da razão, Weber também enxerga as contradições envolvidas neste processo⁹. Para ele, a expansão do Estado (burocracia) e do mercado (capitalismo), ou seja, as grandes forças racionalizadoras da sociedade moderna, trazem como consequência a perda de sentido e a perda de liberdade, como ele mesmo demonstra neste trecho célebre, no qual o pensador refere-se explicitamente ao capitalismo:

“O puritano queria tornar-se um profissional, e todos tiveram que segui-lo. Pois, quando o ascetismo foi levado para fora dos mosteiros e transferido para a vida profissional, fê-lo contribuindo poderosamente para a formação da moderna ordem econômica e técnica ligada à produção em série da máquina, que atualmente determina de maneira violenta o estilo de vida de todo o indivíduo nascido sob este sistema (...), e quem sabe o determinará até que a última tonelada de combustível tiver sido gasta”(1996, p. 131).

Tipologia das formas de educação

Mas, além de falar da modernidade como um todo, teria Weber se dedicado a analisar especificamente o fenômeno da educação? De fato, este tema nunca foi exaustivamente desenvolvido pelo autor. Todavia, no texto conhecido como “A religião da China”, quando Weber trata do papel dos letrados ou mandarins chineses naquela sociedade, encontramos uma explícita menção do pensador a diferentes tipos ideais de educação.

Mas, antes de entrar diretamente no assunto, é preciso esclarecer que a expressão “tipos ideais” possui um significado bem preciso na teoria weberiana. Através desta categoria – que é de ordem epistemológica – Weber chama a atenção para o fato de que a construção de conceitos sociológicos implica em um processo de abstração e recorte da realidade a partir de um ângulo específico. Portanto, os conceitos serão sempre tipos ideais na medida em que nunca se acham de forma pura na realidade. Ou, dito de outra forma, todo conceito é apenas uma construção teórica elaborada pelo sociólogo que organiza a realidade social conforme determinadas categorias, como explica o próprio autor:

“Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isolados dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento” (1991, p. 106).

No texto que estamos examinado, Weber é muito claro e logo adverte que “na verdade, não podemos, aqui, de passagem, dar uma tipologia sociológica dos fins e meios pedagógicos, mas talvez possamos fazer algumas observações” (1982, p. 482). A seguir, aparecem então três tipos ideais de educação:

“Historicamente, os dois pólos opostos no campo das finalidades educacionais são: despertar o carisma, isto é, qualidades heróicas ou dons mágicos; e transmitir o conhecimento especializado (...). São porém pólos opostos dos tipos de educação e formam os contrastes radicais. Entre eles estão aqueles tipos que pretendem preparar o aluno para uma conduta de vida, seja de caráter mundano ou religioso. De qualquer modo, a conduta de vida é a conduta do estamento” (idem, p. 482).

A primeira observação a fazer é que esta tipologia das formas de educação segue de perto a tão famosa tipologia dos tipos de dominação de Weber, a saber: a dominação carismática, a dominação racional-legal e a dominação tradicional¹⁰. Aliás, é o próprio Weber que confirma isto: “o primeiro tipo corresponde à estrutura carismática do domínio; o segundo corresponde à estrutura (moderna) de domínio, racional e burocrático” (idem, p. 482).

¹⁰ Os tipos de dominação são apresentados por Weber em sua obra *Economia e Sociedade* (1994, p. 33).

Resumindo, podemos apresentar os tipos ideais de educação de Max Weber da seguinte forma:

a) educação carismática: conforme explica Weber “isto significa que eles [os educadores] simplesmente desejavam despertar e testar uma capacidade considerada como um dom de graça exclusivamente pessoal, pois não se pode ensinar nem preparar um carisma” (idem, p. 482). Entre os exemplos citados por Weber estão os mágicos (ou feiticeiros) e os heróis guerreiros.

b) educação especializada: de acordo com a explicação de Weber trata-se das “tentativas especializadas de *treinar* o aluno para finalidades úteis à administração – na organização das autoridades públicas, escritórios, oficinas, laboratórios industriais, exércitos disciplinados” (idem, p. 482). Weber esclarece ainda que este treinamento pode ser realizado com qualquer pessoa.

c) educação humanística: retomando os termos weberianos temos que “a pedagogia do cultivo, finalmente procura educar um tipo de homem, cuja natureza depende do ideal de cultura da respectiva camada decisiva. E isto significa educar um homem para certo comportamento interior e exterior” (idem, p. 483). Entre os exemplos citados pelo autor está a camada dos guerreiros no Japão, no qual “a educação visará a fazer do aluno um cavalheiro e um cortesão estilizado, que despreza os homens que usam a pena, tal como os samurais japoneses os desprezaram” (idem, p. 483).

Depois destas definições conceituais Weber se dirige para a realidade, perguntando-se pelo caráter da educação chinesa: “o importante, no caso, é definir a posição da educação chinesa em termos dessas formas” (idem, p. 482).

Partindo dos seus tipos ideais Weber assinala que a educação chinesa não se tratava de uma educação carismática nem especializada: “os chineses não comprovavam habilitações especiais, como os nossos modernos e racionais exames burocráticos para juristas, médicos, técnicos. Nem comprovavam os exames chineses a posse de carismas, como o fazem os “juízos” típicos dos mágicos e das ligas de solteiros” (idem, p. 483-484). Logo, a educação chinesa faz parte do terceiro tipo ideal (educação para uma conduta de vida): “os exames da China comprovavam se a mente do candidato estava embebida de literatura e se ele possuía ou não os modos de pensar adequados a um homem culto e resultantes do conhecimento da literatura (...). Era uma educação literária altamente exclusiva e livresca” (idem, p. 484).

Entre os outros traços importantes da educação chinesa, Weber esclarece que a literatura chinesa tratava especialmente de hinos, contos épicos e casuística em ritual e cerimônia. Portanto, ela quase não possuía um caráter técnico. Outro dado importante é que a escrita chinesa era (e ainda é) essencialmente visual ou pictórica. Isso impediu que o pensamento chinês evoluísse para uma filosofia racional, como aconteceu com o pensamento helênico: “apesar das qualidades lógicas da língua, o pensamento chinês continuou apegado ao pictórico e descritivo. O poder do *lógos*, da definição e raciocínio, não foi acessível aos chineses” (idem, p. 487). Além disso, Weber lembra ainda

que o objetivo da educação chinesa era formar quadros burocráticos para o Estado Chinês. Assim, ainda que esta educação desconhecesse o cálculo, isto determinou o caráter mundano do sistema educacional chinês, embora os mandarins fossem vistos pelo povo de forma mágico-carismática.

Educação e racionalização social

No texto que estamos utilizando, Weber também faz várias referências à educação ocidental, mostrando suas diferenças para com a educação chinesa. Mas, como estas menções de Weber são feitas sempre de modo casual e assistemático, pretendemos interpretar estes fragmentos à luz da teoria weberiana da racionalização.

Importa destacar que, de forma geral, as teorias sociológicas da educação costumam adotar um procedimento semelhante. Ou seja, a maioria dos estudiosos buscam deduzir da teoria social dos clássicos da sociologia (especialmente Durkheim e Marx) elementos para pensar o processo educativo. Assim, sob a ótica funcionalista, a escola desenvolve-se no decorrer do processo de diferenciação social tendo como função social específica reproduzir a ordem social. Já sob a ótica marxista, a educação é interpretada a luz da luta de classes, ora como elemento de dominação ideológica, ora como elemento de transformação social (neste caso, destacam-se especialmente os estudos inspirados em Gramsci)¹¹. Neste tópico, adotamos uma estratégia semelhante, destacando como a tese da racionalização (que foi exposta em tópico anterior) pode nos fornecer uma nova perspectiva para pensar a evolução sócio-histórica da educação ocidental.

Começemos pelas referências de Weber à educação helênica. O autor destaca que, de forma semelhante à educação chinesa, o processo educativo entre os gregos também era de caráter essencialmente literário. Mas, ao contrário de outras civilizações, onde a educação estava na mão de sacerdotes ou clérigos, a educação literária grega era realizada por camadas leigas:

“O caráter literário da educação na Índia, judaísmo, cristianismo e islã, resultou do fato de que estava completamente nas mãos dos brâmanes e rabinos dotados de conhecimentos literários, ou de clérigos ou monges de religiões livrescas, profissionalmente treinados em literatura. Enquanto a educação foi helênica, e não “helenística”, o homem de cultura helênica era, e continuou sendo, principalmente, efebo e hoplita”. (idem, p. 484).

Outro traço da educação helênica foi seu caráter racionalista, principalmente por causa das características da língua grega, que adotou a formulação silábica: “(...) a língua chinesa foi incapaz de oferecer seus serviços à poesia ou ao

¹¹ Entre os exemplos de manuais que adotam ou discutem estas perspectivas, podemos mencionar Meksenas (1993) e Petitat (1994).

pensamento sistemático (...). Isto contrasta acentuadamente com o helenismo, para o qual a conversação significava tudo, e a tradução no estilo do diálogo era a forma adequada de toda experiência e contemplação” (idem, p. 486).

Assim, tanto a camada social que se dedicava à educação na Grécia (leigos) como a forma lingüística adotada por este povo são alguns dos fatores que explicam porque a Grécia conheceu o aparecimento de uma forma de filosofia racional, como podemos ver pelas referências que Weber (idem, p. 489) faz ao assunto:

“A própria filosofia chinesa não tem um caráter especulativo, sistemático, como a filosofia helênica, em sentido diferente, o ensino teológico indiano e ocidental (...) A filosofia chinesa não deu origem ao escolasticismo porque não se dedicava profissionalmente à lógica, como as filosofias do ocidente e do oriente médio, ambas baseadas no pensamento helenista (...). Isto significa que os problemas básicos a toda filosofia ocidental continuaram desconhecidos da filosofia chinesa (...).”

Outro modelo histórico de educação mencionado várias vezes por Weber é a **educação medieval**. Embora as universidades medievais fossem dominadas pelos clérigos católicos, elas se caracterizavam pelas suas preocupações práticas, seja no sentido de desenvolver uma doutrina jurídica, seja no sentido de desenvolver uma teologia racional: “as universidades cristãs da Idade Média originaram-se da necessidade, prática e ideal, de uma doutrina jurídica racional, mundana e eclesiástica, e de uma teologia racional (dialética)” (idem, p. 488). Além disso, preocupações práticas também caracterizavam a educação dos cavaleiros e dos nobres: “na Idade Média, a educação militar do cavaleiro, e mais tarde a educação nobre do salão da Renascença, proporcionaram um suplemente correspondente, embora socialmente diferente, à educação transmitida pelos livros, sacerdotes e monges” (idem, p. 484).

Finalmente, falando da **educação moderna**, Weber toma como exemplo o caso da Alemanha, e constata o conflito entre uma concepção humanista de educação e uma concepção técnica de educação:

“Na Alemanha, essa educação [trata-se da educação humanista] foi, até recentemente e de forma quase exclusiva, uma condição preliminar para a carreira oficial que leva a posições de comando na administração civil e militar. Ao mesmo tempo, essa educação humanista marcou os alunos que se preparavam para tais carreiras, como pertencendo socialmente ao estamento culto. Na Alemanha porém – e trata-se de uma diferença muito importante entre a China e o Ocidente – o treinamento racional e especializado foi acrescentado a essa qualificação educacional honorífica, que substituiu em parte” (idem, p. 483).

Portanto, todas as vezes em que discorre sobre a educação ocidental (helênica, medieval e moderna), Weber insiste nas características racionais desta última. Na Grécia, pelo seu caráter leigo e filosófico; na Idade Média pelo seu caráter prático e; finalmente, na idade moderna pelo seu caráter técnico. Em suma, o processo histórico de desenvolvimento da educação no Ocidente também é

pensado por Weber em termos de um “processo de racionalização”. Além disso, a vitória da educação técnica sobre a educação humanística na Alemanha também demonstra como a força avassaladora do processo de “desencantamento” e “secularização do mundo” atinge todas as esferas da vida social, inclusive a educação.

Considerações Finais

Uma análise retrospectiva destes elementos gerais para a construção de uma “sociologia weberiana da educação” demonstra claramente que Weber é um autor extremamente fecundo para pensar sociologicamente os fenômenos educacionais. Neste autor encontramos tanto uma formulação teórica (os tipos ideais de educação) quanto uma formulação empírica (educação chinesa e educação ocidental) dos processos educativos.

Assim, de um ponto de vista teórico, a tipologia das formas de educação (educação carismática, especializada e humanista) proposta por Weber representa um poderoso instrumento para pensar as características que definem diferentes espaços e formas de ensino-aprendizagem. Já do ponto de vista empírico, Weber nos mostra como a educação ocidental vai sendo cada vez mais racionalizada e secularizada, perdendo aos poucos seus fundamentos religioso-metafísicos. Com o seu olhar crítico, Weber aponta para o fato de que se ganha em especialização e produtividade, mas perde-se o conteúdo ético e valorativo da educação.

Desta forma, os teóricos da sociologia da educação ganhariam bem mais se deixassem de lado a abordagem dualista e dicotômica que costuma ser apresentada nos manuais de sociologia da educação e extraíssem de Max Weber uma sociologia da educação que reúne o que há de melhor na sociologia clássica: uma profunda análise teórica, empírica e crítica.

Referências

- MEKSENAS, P. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Loyola, 1993.
- PIERUCCI, A. F. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 37, p. 43-73. 1998.
- PETITAT, A. **Produção da escola**: produção da sociedade. Porto Alegre: Artes Médias, 1994.
- RODRIGUES, A. T. **Sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.
- SAINT-PIERRE, H. **Max Weber**: entre a paixão e a razão. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.
- SELL, C. E. **Sociologia Clássica**: Durkheim, Weber e Marx. 2. ed. Itajaí: Ed. da Univali, 2002.

SOUZA, J. **Patologias da modernidade**: um diálogo entre Habermas e Weber. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. **Max Weber e a singularidade da cultura ocidental**. A modernização seletiva. Brasília: Unb, 2000.

WEBER, M. Os letrados chineses. In: **Ensaio de sociologia geral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982. p. 482-490.

_____. Religião e racionalidade econômica. In: COHN, G. **Weber**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991. p. 142-159. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 13).

_____. **Metodologia das ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992, v. 2.

_____. **Economia e sociedade**. 3. ed. Brasília: Unb, 1994, v. 1.

_____. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1995, v. 1.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 11. ed. São Paulo: Pioneira, 1996.